

Mas como se constrói a memória? Propostas e possibilidades do uso do cinema como recurso didático

*Angelo Adriano Faria de Assis**

Resumo:

Nas últimas décadas, novas tecnologias passaram a ser utilizadas na tentativa de vencer as dificuldades de aceitação da disciplina História pelos alunos, vista, não raro, como “chata”, “decoreba”, “coleção de datas e nomes sem sentidos”, “coisa de velho”. Esta comunicação visa analisar uma proposta de trabalho com o cinema, através da análise de determinados filmes que, em princípio, não são filmes históricos, mas antes, que contém temáticas e questões importantes para o ensino de História. Trabalharemos com a análise e a proposta de trabalho em sala de aula de determinadas obras cinematográficas dos últimos anos, como os filmes *Amnésia* (2000), *Efeito Borboleta* e *Peixe Grande* (ambos de 2003), *Brilho Eterno de uma mente sem lembranças* (2004), além de filmes nacionais que também podem ser analisados através do olhar da História, como *Narradores de Javé* (2003) e *A dona da História* (2004).

Palavras-chave: Ensino de História; Cinema.

Abstract:

In the past decades, new technologies started to be used more often, attempting to overcome the difficulties of the acceptance of the subject History by students, as it is seen very often as "boring", "a by heart only subject", "collection of dates and names without meaning", "a thing for old people". This paper aims to analyze a proposition of work with cinema, through the examination of some movies which, at a first sight, are not "historical movies", but, which contain themes and raise important questions for the teaching of History. We will work on the analyze and the proposition for working in the classroom on some relevant movies of the latest years, such as "Memento" (2000); "The butterfly effect" and "Big Fish" (both of 2003), "Eternal sunshine of a spotless mind" (2004), as well as Brazilian movies which can also be analyzed through the History's approach, as "Narradores de Javé" (2003) and "A dona da História" (2004).

Key-words: Teaching of History; Cinema.

Não é de hoje que o cinema vem sendo utilizado pelos professores dos ensinos fundamental e médio como uma das ferramentas preferidas para o trabalho docente, experiência que se repete nas aulas de variadas disciplinas, como Língua Portuguesa, Línguas estrangeiras, Geografia e, no caso que aqui nos interessa, História. Tentando incrementar as aulas, muitas vezes ainda limitadas aos livros didáticos e ao quadro negro, somada a falta de orientação sobre o

* Doutor em História pela UFF; Professor Adjunto – UFV.

2

uso de outros materiais didáticos causada pela preparação pouco adequada neste sentido de muitos docentes do país, que encontram poucas dicas sobre o uso de fontes e materiais alternativos para o preparo e desenvolvimento de suas aulas, os professores procuram, dentro de suas possibilidades, algumas atividades alternativas e novas metodologias de trabalho.

A popularização tecnológica, com o acesso cada vez maior das classes menos privilegiadas a aparelhos eletrônicos e tecnológicos como televisão, vídeo-cassete, DVD, computadores, rede de internet, dentre outras mídias, tem facilitado a expansão e democratização destes materiais, chegando não apenas aos lares, mas também às escolas de todo país. Vive-se, juntamente com a democratização crescente da revolução tecnológica, uma transformação do trabalho e da atuação do professor em sala de aula. Novos elementos são aliados ao tradicional livro didático – ele também, diga-se de passagem, sofrendo modificações e adaptações aos novos tempos e novos horizontes da Ciência Histórica. Cada vez mais a sala de aula vai se transformando num ambiente interativo, de construção do conhecimento, onde o professor vem desempenhando o papel de mediador da construção do conhecimento.

Cada vez mais percebida a História como ciência em construção, abrem-se novas perspectivas de interação com outras ciências – a Sociologia, as Literaturas e a Antropologia, por exemplo – e a possibilidade de englobar novos materiais para a análise histórica em consequência do alargamento da noção de fonte. Desse modo, materiais até então pouco considerados passam a ser entendidos como documento passível de leituras sobre o fato ou momento histórico. Dentre estas novas possibilidades de leitura, a recorrência a obras de cinema, está dentre aquelas mais utilizadas em sala de aula para interagir com o aluno no estudo do passado.

Destacamos, para esta análise, a popularização do uso dos filmes como instrumento didático. Para além do aumento das salas de cinema, principalmente em locais fechados como *shoppings centers*, em contraponto aos antigos cinemas de rua, o que chama mais a atenção é a venda de aparelhos de DVD e de filmes, seja em lojas especializadas, seja em grandes magazines e lojas de departamento, tornando o preço relativamente acessível a um número cada vez maior de pessoas.

Os filmes, geralmente, ainda são entendidos pelos professores como possibilidade de recriação visual de períodos que, em boa parte das vezes, aparecem representados de forma rasa e com pouco apelo visual nos livros didáticos. Assim, o cinema torna possível um “olhar” sobre o passado que nem sempre é facilmente alcançado pelos alunos, ainda mal treinados na capacidade

3

de abstração para recriar, em seus imaginários, os fatos do passado. Não à toa, apesar de todos os avanços capitaneados pela Nova História no país a partir, principalmente, da década de 1980, a História continua, em muitos casos, vista como disciplina da “decoreba”, das leituras cansativas e intermináveis, da repetição de nomes, datas e eventos que, da forma como se apresentam, parecem não fazer sentido para os alunos, levando-os à velha questão que vez por outra aparece nas salas de aula: “por que é que precisamos estudar uma coisa que aconteceu há décadas ou séculos”? Em considerável medida, esta indagação é resultado da forma um tanto equivocada com que alguns professores encaram o ensino da História e suas infinitas possibilidades, conseqüência, em larga medida, do enorme fosso entre o que se ensina, discute e é produzido nas Academias e centros de excelência de pesquisa e ensino, e o que ocorre em grande parte das escolas, tanto públicas quanto particulares de todo o país.

Importante lembrar, contudo, que o uso de fontes alternativas em sala de aula, embora seja uma possibilidade não apenas viável como altamente recomendável, não resolve o problema das carências e equívocos tão freqüentes no cotidiano dos docentes. Como afirma Marcos Napolitano – apesar de originalmente, estar se referindo ao uso da televisão como documento –, “A incorporação deste tipo de documento/linguagem não deve ser tomada como panacéia para salvar o ensino de História e torná-lo mais ‘moderno’. Muito menos deve ser vista como a substituição dos conteúdos de aprendizado por atividades pedagógicas fechadas em si mesmas” (NAPOLITANO, 2004: 149). É necessário que a utilização de qualquer material didático seja feita dentro de critérios muito bem definidos pelo professor, e com objetivos que devem estar claros e fazer sentido, tanto para os docentes quanto para os discentes. A mesma preocupação é assunto para Circe Bittencourt:

“a questão que se torna mais premente é a reflexão sobre as formas pelas quais professores e alunos se têm apropriado desse instrumento de comunicação como material didático. Que métodos de leitura têm sido empregados na análise dessa produção feita para um público diverso e transformada em material de aprendizagem?” (BITTENCOURT, 2004: 372)

Ou seja: é importante que a apresentação de qualquer documento em aula tenha um significado, um contexto. Não se deve simplesmente apresentar um filme ou qualquer outro material sem uma preparação prévia dos alunos e uma atividade complementar que permita a discussão e análise do

4

que foi apresentado, deixando evidente a finalidade do uso daquele tipo de material e de suas limitações e possibilidades.

Não raro, porém, os filmes que deveriam ser usados como complementação de determinado conteúdo, possibilitando aos professores desenvolver debates sobre o assunto, discutindo de modo mais criativo a forma como o passado é representado na tela; as diferenças entre o olhar do Cinema e o olhar da História; os limites e possibilidades na reconstrução do passado pelos cineastas; tornam-se, muitas vezes, um simples momento de intervalo e descanso entre as aulas “conteudistas”, dando aos alunos um momento de descontração, mas sem que sejam adotadas técnicas de análise e discussão das produções fílmicas que incentivassem uma maior compreensão e mesmo o gosto pela História. Assim, os filmes continuam, em muitos casos, sendo usados mais como alegoria do que como complemento.

Outra questão importante diz respeito ao tipo de filmes usado para o trabalho com a História. Normalmente, boa parte dos professores se limita a trabalhar com obras que recriem em suas histórias os ambientes físicos, hábitos, costumes e principais acontecimentos de um determinado período ou assunto que está na pauta do dia das aulas. Só para ficarmos em filmes relativamente recentes, é bastante comum que professores utilizem, por exemplo, *O Gladiador*, para o Império Romano; *300*, *Tróia* e *Alexandre* para o mundo Grego; *Cruzada* e *Lutero*, para o papel da Igreja na Idade Média e o processo de Reforma Religiosa; *O Resgate do Soldado Ryan*, para discutir a Segunda Guerra Mundial; *A Queda*, para exemplificar o Nazismo; e, no caso do Brasil, *Carlota Joaquina*, para o período joanino; *Mauá*, para o Segundo Império; *Olga*, para o período Vargas, *O que é isso*, *Companheiro*, para a Ditadura iniciada em 1964, dentre tantas outras possibilidades de filmes nacionais e estrangeiros existentes no mercado e disponíveis em versão DVD, ou até em sites especializados, permitindo aos alunos que façam o *download* destas obras de sua própria residência.

O cinema possibilita a abordagem e o debate de diferentes concepções de História, gerando o aumento do interesse pela disciplina, como ciência em construção, possibilitando “leituras” diferentes acerca da realidade social em diferentes tempos e espaços, facilitando ao aluno com dificuldades de abstração histórica, sem conseguir apreender as noções de tempo e espaço, a possibilidade de “visualizar o passado”.

O filme permite uma linguagem multidisciplinar ao possibilitar, em conjunto com outros materiais (a literatura, a música, as análises iconográficas, entre outros), a aquisição e a elaboração de conceitos e a compreensão dos diversos modos de organização do conhecimento.

Lembrar urge, contudo, que a linguagem fílmica, como as demais linguagens aqui analisadas, representa uma determinada visão de mundo (nem sempre adequada historicamente) do autor que se quer ratificar. Assim, é necessário filtrar as imagens cinematográficas pela análise histórica sob o risco, caso não se faça, de criar e divulgar inverdades. Cito, por exemplo, a noção de escravidão apresentada no filme *Independência ou Morte*, em que os escravos aparecem sempre alegres, arrumados, sem marcas que representassem o fardo da escravidão. Representavam uma idéia de ordem, tão cara aos interesses na época em que o filme foi produzido (a ditadura militar iniciada em 1964); em contraste, o sofrimento dos escravos e os grilhões demonstrados em *Chica da Silva*, obra produzida em momento de menor pressão de censura durante a ditadura (fins dos anos 70); contrasta igualmente a miséria nordestina representada em filmes como *O Pagador de Promessas* e *Vidas Secas*, com a idéia de um Nordeste que, apesar de pobre, tem seu colorido e riquezas, como os recentes *Baile Perfumado*, *Lisbela e o Prisioneiro* e *Deus é brasileiro*.

Assim, o cinema é instrumento possibilitador de novas análises e questionador dos conceitos construídos historicamente, cabendo transmiti-los de forma crítica e adequada à visão histórica, necessitando a capacitação do profissional para tanto.

Fonte auxiliar na nova visão de História, e ferramenta imprescindível para o trabalho do historiador, mas que deve ser pautada pelo bom senso crítico. Se bem utilizada, permite uma ampliação da dimensão histórica do ensino, tornando prazerosa a criação da consciência no aluno das várias possibilidades de reler o passado e de integrar o aluno à consciência crítica e à sua participação social e de cidadania, como elemento integrante do processo histórico. Reformular a História e o seu ensino, assim, passa pela necessidade de incluir novas possibilidades de análise.

Não é nossa intenção, neste artigo, discutir os aspectos históricos ou técnicos destas obras nem criticar o uso destas obras fílmicas no trabalho do professor. Qualquer filme, se trabalhado de forma coerente, pode servir como ferramenta importantíssima para tornar a História mais atraente aos alunos, despertando o interesse pelo passado e pela pesquisa. Como qualquer fonte, deve ser trabalhado de maneira crítica, permitindo um debate que leve a uma interpretação mais coerente dos fatos. O que pretendemos, isto sim, é sugerir o trabalho com outros tipos de fontes

6

fílmicas que, num primeiro momento, não despertem a atenção como filmes possíveis de se trabalhar a História. Embora seja compreensível e justificável o trabalho com obras que retratem um determinado personagem, acontecimento ou época, o que nos chama a atenção neste trabalho é possibilidade de desenvolver uma relação entre filmes que, numa visão preliminar, podem não aparentar nenhum tipo de significado aos que o assistem com relação ao conhecimento histórico.

Procuramos, aqui, vislumbrar o trabalho com filmes voltados para o grande público, e que, a princípio, podem ser assistidos por um público não preocupado em encontrar na tela nenhum tipo de análise histórica. Partimos, então, da análise dos seguintes filmes: *Amnésia* (2000), *Efeito Borboleta* e *Peixe Grande* (ambos de 2003), *Brilho Eterno de uma mente sem lembranças* (2004), *Ponto de Vista* (2008) além de filmes nacionais que também podem ser analisados através do olhar da História, como *Narradores de Javé* (2003) e *A dona da História* (2004). Expliquemos, em linhas gerais, a sinopse de cada um destes filmes. Em comum, os filmes apresentam a proposta de explorar, repetidamente, variantes de possíveis desdobramentos de uma determinada história. Outro ponto em comum gira em torno das diferentes possibilidades de se encarar a idéia de tempo, questão esta, primordial para a História.

Em *Amnésia* (direção Christopher Nolan), narra-se os acontecimentos na vida de um homem que, após um acidente, sem memória recente, e que precisa encontrar formas de construir sua memória sobre os fatos, entender o que ocorreu, quem são as pessoas que cruzam o seu caminho e o envolvimento que elas possuem nos fatos e o propósito de sua própria vida. Um dos pontos fortes do filme é a forma desordenada como a história é conotada, sem seguir o clássico modelo dos filmes com começo, meio e fim: a ordem supostamente aleatória com que fatos e personagens vão aparecendo na narrativa colaboram para que a interpretação dos fatos seja alterada pelo personagem principal e pelos espectadores. Sem saber em quem confiar e atrás do assassino de sua mulher, reconstrói este quebra-cabeças tatuando no próprio corpo os fatos de que lembrava. Cabe também lembrar que o nome original do filme é *Memento* - em latim, “lembra-te”.

Efeito borboleta, dirigido por Eric Bress, narra a história de um jovem adulto com um distúrbio que o faz, ao reler suas memórias escritas em cadernos, conseguir voltar ao passado e modificá-lo. Obviamente, ao mudar o passado, o personagem acaba por influir na ordem natural das coisas, afetando a sua própria vida e a vida das pessoas ao seu redor. Cria-se o mote para um interminável roteiro de idas e vindas entre passado e presente, incitando alterações e correções

7

nos acontecimentos preconizados pelo personagem principal e seu grupo de convivência. Vale a referência a uma trilogia de sucesso *De volta para o futuro*, exibida nos cinemas durante a década de 1980, em que um adolescente (interpretado por Michael J. Fox) ia e voltava para o passado e para o futuro, arranjando os fatos e rearrumando suas ações, à procura de um ponto de equilíbrio.

O sucesso de *Efeito borboleta* levou a uma continuação do filme, lançado em 2006, ao que parece, sem repetir o sucesso do roteiro original. Desta vez, não se repete o elenco inicial nem ao menos há uma continuidade na história. Apenas, uma nova personagem, que sofre do mesmo distúrbio do personagem principal do primeiro filme, mostrando uma vez mais como mudar o passado pode trazer conseqüências trágicas para o presente.

Peixe Grande, filme dirigido por Tim Burton, narra a história de um pai a partir do ponto de vista de seu filho, que pouco conhece a verdadeira história de seu pai. Abre-se espaço para a narrativa da imaginação, e da discussão sobre o que é real e o que é imaginário, montando-se o quebra-cabeças da vida do pai ao juntar as histórias fantásticas por ele contadas com a realidade, ou, como diz o personagem ao final do filme, “um homem conta suas histórias tantas vezes que se converte nelas. Seguem vivas depois dele. E deste modo, ele se torna imortal”.

Em *Brilho Eterno de uma mente sem lembranças* - direção de Micchem Gondry -, numa trama com cores de ficção científica, a idéia gira em torno da possibilidade de apagar-se a memória. Assim, o personagem vivido por Jim Carrey, ao descobrir que a namorada (interpretada pela atriz Kate Winslet) passou por um processo que retirava de sua cabeça toda a memória sobre ele, contrata os serviços de uma clínica para fazer o mesmo. A história, então, narra a resistência do personagem, que luta em seu inconsciente para manter acesa a lembrança da amada. De forma perturbadora, o filme discute o controle sobre as nossas próprias lembranças e até que ponto a memória pode significar, também, esquecimento.

Já *Ponto de Vista* (direção de Pete Travis), conta a história de um atentado terrorista na cidade espanhola de Salamanca, que culminaria no assassinato do presidente dos Estados Unidos da América. A partir daí, reconstrói-se a história a partir da visão de oito pontos de vista diferentes, construindo os acontecimentos de forma diferenciada, cada um privilegiando a narrativa de um dos personagens envolvidos.

Sobre os filmes brasileiros, *Narradores de Javé*, dirigido por Eliane Caffé, conta a história de um vilarejo do interior do Nordeste brasileiro que está para ser inundado. A única forma de evitar o desaparecimento do vilarejo, desviando a área de construção da represa, era mostrar que

8

o local tinha importância histórica. Começa, a partir daí, uma tentativa de recuperar a memória sobre a região, entrevistando vários moradores, cada um contando o passado de Javé à sua maneira, misturando fatos ditos reais com a fantasia e a lenda, privilegiando o papel de seus antepassados na trama.

Já *A Dona da História*, direção de Daniel Filho, mostra o confronto e o diálogo de uma mesma mulher em fases diferentes da vida – aos 18 e aos 55 anos. O confronto de gerações permite à personagem (vívda na juventude por Débora Falabella e na maturidade por Marieta Severo) reviver os sonhos e desejos do passado, repensar suas escolhas, e as possibilidades de ter seguido outros rumos e realizado escolhas diferenciadas.

O trabalho com estas obras permite ao professor discutir com os alunos algumas noções importantes para a análise histórica. Do mesmo modo, mostra aos alunos como a História pode ter variadas interpretações, dependendo dos elementos usados para a interpretação. Assim, o uso de fontes alternativas pode permitir aos alunos não apenas a compreensão dos fatos históricos, mas também dos elementos e significados que dizem respeito ao devir da História. São exemplos de como o trabalho com a História pode ser múltiplo em interpretações e possibilidades, infinito em interpretações como podem ser infinita as formas de se pensar a História.

Referências bibliográficas:

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. “A Televisão como documento”. *In*: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, pp. 149-162.